

Se a história secular das narrativas biográficas e autobiográficas está marcada por um processo de reconhecimento lento e sinuoso, assistimos, na modernidade tardia, a uma verdadeira explosão desses dois tipos de narrativas. Elas invadem as livrarias, multiplicam-se nas redes sociais, fazem parte dos noticiários, de projetos midiáticos. Essa guinada (auto)biográfica, que permitirá sua saída do “purgatório” para entrar no terreno sagrado das Ciências Humanas, é propícia ao reexame da tensão epistemológica entre seu Norte científico, objetivista, racional, e o Sul ficcional, subjetivista, interpretativista.<sup>1</sup> Com efeito, o caráter híbrido das narrativas biográficas e autobiográficas replica, como nenhuma outra forma de expressão, as tensões e as conveniências entre linguagem, literatura, artes, memória e conhecimento tão caras às Ciências do humano.

Este segundo número da RBPAB – Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica – é um convite à reflexão sobre as narrativas autobiográficas, cinema, literatura, arte e temáticas sociais pungentes.

O Dossiê *Escritas de si, literatura e cinema: diálogos (auto)biográficos*, organizado por Maria da Conceição Passeggi e Edla Eggert, apresenta a diversidade de áreas de investigação, Literatura, Cinema e Formação, com base em textos e abordagens que evidenciam as escritas de diários íntimos, cadernos de anotações, memórias, vídeos e cinema, em que as marcas da subjetividade se entrecruzam, se pulverizam, se escondem e se revelam. O dossiê está constituído por oito artigos resultantes de pesquisas realizadas por pesquisadores de

diferentes regiões do país e com enfoques diversificados, sinalizando para novos horizontes de investigação científica, no âmbito da pesquisa (auto)biográfica em Educação.

A seção *Artigos* reúne quatro estudos de pesquisadores brasileiros e europeus. Em *A Migração, resiliência e empoderamento: uma equação teórico-prática à luz da pesquisa biográfica*, Elsa Lechner aborda uma temática atual e pungente, apresentando estudos por ela realizados em contextos migratórios diferentes – portugueses na França (Paris); portugueses nos EUA (New Jersey), e imigrantes de várias origens, em Portugal. A autora parte “da equação teórica entre os conceitos de resiliência, empoderamento e migração”, e analisa as formas concretas pelas quais a pesquisa biográfica permite identificar e construir processos de resiliência, de emancipação e de empoderamento, nos migrantes que participaram da pesquisa. É importante observar que os processos de recolha de dados: entrevistas biográficas, rodas de histórias, oficinas biográficas, organizadas pela pesquisadora, ao exigir dos participantes atos de biografização, permitem despertar processos de resiliência e construir resistências coletivas. A autora traz grandes contribuições à dimensão biopolítica das narrativas autobiográficas e à dimensão cívica da pesquisa (auto)biográfica na construção de um mundo mais justo.

Os três textos seguintes apresentam perspectivas diferenciadas de escolarização, colocando em pauta questionamentos atuais sobre a formação continuada e a escola obrigatória. O primeiro artigo, *‘Patchworker’: construção biográfica e atitudes profissionais: estudo das motivações de estudantes alemães nos últimos 30 anos*, de Peter Alheit, analisa escritas e entrevistas autobiográficas, realizadas com alunos que ingressam em cursos de formação

1 PASSEGGI, Maria da Conceição. Narrativa, experiência y reflexión autobiográfica: por una epistemología del Sur en educación. In: ARANGO, Gabriel Jaime Murillo. (Comp.). *Narrativas de experiencia en educación y pedagogía de la memoria*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Editorial FFyL de la Universidad de Buenos Aires, 2015. p. 69-87.

profissional universitária, numa universidade do norte da República Federal da Alemanha. Para o autor, trata-se de saber se padrões biográficos predestinam escolhas de formação profissional, ou se a educação superior atrai grupos específicos. As conclusões do trabalho indicam que os sujeitos envolvidos são vítimas prováveis de uma fraude estrutural causada pela modernização das sociedades. No processo de mobilidade sociocultural ascendente, o habitual mundo da vida perde sua significância “natural”, como horizonte de formação e prescrições, profundamente enraizadas, para lidar com a realidade – mentalidades tradicionais e formas de *habitus* – que se tornam instáveis e ameaçadas de dissolução.

O questionamento do processo de escolarização/descolarização é analisado por Fabiana Ferreira Pimentel Kloh em seu artigo *Quando a escola não faz parte da biografia: depoimentos de vida em homeschooling*. A pesquisa, de caráter histórico, toma como *corpus* transcrições de notas taquigráficas de audiências públicas, realizadas no Congresso Nacional, em 2013. Com base em referências teóricas relativas à educação domiciliar, na história do século XIX, e nas críticas sociológicas de Illich (1973), a autora analisa depoimentos de pessoas que afastam a escola de suas biografias, justificando sua opção por uma educação não formal. Foi possível constatar que a opção por *homeschooling* constitui um fenômeno crescente no Brasil e que os adeptos dessa modalidade de educação domiciliar esperam por maior segurança jurídica, quanto à observância de seu direito de opção quanto à forma de prover a educação da família.

O artigo de Dina Maria Rosário dos Santos, *Territórios existenciais e narrativas de trajetórias escolares*, apresenta o processo de construção de territórios existenciais, produzidos no âmbito da pesquisa “Nômades do Saber: uma cartografia de trajetórias escolares mi-

grantes na Bahia/Brasil”. Tais territórios emergem das entrevistas narrativas, realizadas para a pesquisa, como recurso para acessar os deslocamentos, físicos e simbólicos, que “compõem as trajetórias escolares migrantes e as linhas de fuga ao mapa geopolítico do conhecimento”. As narrativas agudizam a sua importância no momento em que são acolhidas em sua singularidade heurística. Os territórios são espaços sociopolíticos e histórico-culturais produzidos e produtores de subjetividades. Os territórios são o palco dos dinâmicos mapas psicossociais trazidos à tona pelas narrativas. Escolher trabalhar com narrativas biográficas requer desvelo pelo inusitado. Nesse sentido, o artigo arrisca-se a ponderar sobre o uso dos territórios existenciais como estratégia para a análise e a interpretação de narrativas autobiográficas. Finalmente, na seção *Documentos*, a RBPAB publica o Estatuto da BIOgraph, possibilitando aos(às) associados(as) e pesquisadores conhecerem a organização e os modos de funcionamento da Associação.

Que a leitura deste segundo número da RBPAB amplie os horizontes da pesquisa com narrativas (auto)biográficas. Lembramos, com Roland Barthes, que não se importando com a boa ou má literatura, a narrativa é internacional, trans-histórica, transcultural; ela está simplesmente ali, como a própria vida<sup>2</sup>. E enquanto manifestação de seres humanos, sociais e históricos, elas estão, simplesmente, onde nós estamos.

Comissão Editorial

2 BARTHES, Roland. Introdução à análise estrutural da narrativa, In: BARTHES, R. et al. *Análise estrutural da narrativa*. Trad. Maria Zélia Barbosa Pinto. 7a. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.